



Muitas famílias enfrentaram bem as adversidades pelo simples fato de ter um pedaço de chão

Trabalho marca chegada de novas famílias a Samambaia

Samambaia recebeu ontem mais 40 famílias, removidas da Expansão do Setor O, na Ceilândia, e de favelas da QI 15, do Lago Sul. O grande trabalho que se tinha pela frente — capinar os lotes, limpar, montar barraco, arrumar os móveis — não desanimava os recém-chegados. Todos estavam felizes, rindo à toa, apesar de engolindo muita poeira. Vinte e quatro caminhões e 35 funcionários do GDF foram destacados para receptionar os novos “proprietários”. Esta é, aliás, a palavra mágica que motiva os novos moradores de Samambaia. Ser dono de um chão — ainda que pequeno — faz com que estas famílias esqueçam todas as adversidades que terão de enfrentar para urbanizar a área.

Os antigos moradores da Expansão foram encaminhados para a quadra 411. Logo descobriram que só terão luz daqui a 15 dias e água só indo até o chafariz, distante 200 metros. Os 7 metros e 16 do lote estão longe dos 10 metros e 25 ideais. Muitos deles já estão com erosão e outros tantos, muito próximos à rede de alta tensão.

EROSÃO

Um funcionário do GDF, que prefere não se identificar, conta

que os técnicos da Terracap marcaram muitos lotes erradamente, sem considerar estes fios. “E a pressa em fazer o serviço”, interpreta. Alguns postes terão que ser removidos. As famílias só são fixadas nos lotes distantes da rede. Esta distância pode ser, no entanto, de apenas alguns metros, não diminuindo o perigo.

Os terrenos já com erosão recebem um tratamento simplista: cascalho. As famílias sorteadas com lotes nestas condições têm que esperar o aterro. Enquanto isso, dormem em coberturas precárias, até finalmente montarem seus barracos. Para tanto, recebem material dos funcionários da Fundação de Serviços Sociais. Cada um dos assistentes sociais fica responsável por um número determinado de famílias, prestando assistência e orientando na limpeza do terreno e armação do barraco.

Ao receber gente de Ceilândia, eles ficam sempre com pé atrás. “Falamos muito da violência, não é? Nós temos que ir com calma, eles esquentam fácil”, conta Luis Carlos Azevedo. Ontem mesmo ele auxiliou um senhor armado com dois revólveres. Normalmente não há divergências, mas os assistentes sociais evitam dar palpites. “Orientamos, mas deixamos, muito a

critério deles. Eles alegam que o lote é deles, que fazem o que querem”, diz Luis Carlos.

Apesar dos pedidos feitos para que se evite a queima dos matos, esta orientação não é muito levada em conta. Muitos preferem agir assim a capinar. Na quadra 411, por exemplo, existem ainda vários eucaliptos. A maioria prefere a remoção das árvores. Poucos, como Uenem Garcia, ficam felizes com a existência de árvores em seus terrenos. “Esta eu não arranco. Vai ficar bonito ter um eucalipto na frente da casa”, dizia sorrindo.

POEIRA, COBERTOR E SOPA

Outra sugestão, nem sempre aceita pelas famílias, é que deixem seus filhos, no dia da remoção, nos Centros de Desenvolvimento Social. Muitas crianças passam mal por causa da poeira levantada durante a capinagem. De cada 4 crianças atendidas na barraca montada pela Fundação Hospitalar, na área, duas apresentam problemas respiratórios.

A auxiliar de enfermagem Maria de Lourdes de Abreu atende aos casos — a maioria pequenos ferimentos ocorridos durante os trabalhos de erguer os barracos — e é responsável por outra assistência.